

ESTUDO ACERCA DA POESIA MEDIANÍMICA

por
Allan Kardec

ECOS POÉTICOS DO ALÉM-TÚMULO

Artigos Coletados da **Revista Espírita** 1866/1867
Sobre Poesia Espírita

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS
Poesias diversas do mundo invisível
Obtidas pelo Sr. L. Vavas seur

Esta coletânea, que anunciamos em nosso último número como no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavas seur, como médium, seja no estado de vigília, seja no estado sonambúlico espontâneo, pelos fragmentos que delas publicamos. Sr. Vavas seur é o médium poeta, que obtém com a maior facilidade as notáveis poesias das quais publicamos várias amostras.

Limitamo-nos, pois, a dizer que, ao mérito da versificação, elas juntam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da Doutrina, e que a este título elas terão um lugar honrado em toda biblioteca espírita. Acreditamos dever acrescentar-lhe uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia medianímica em geral, destinada a responder certas objeções da crítica sobre este gênero de produções.

* * *

POESIAS ESPÍRITAS - I
(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

MÉRY, O SONHADOR.

Recém-nascido sobre vossa margem
Vi uma mulher atenta
Dizer, espiando o meu despertar:
Não perturbeis seu doce sono,
Ele sonha; e eu nasci apenas!
Um pouco mais tarde, quando na planície
Eu desfolhava o trevo florido,
Dizia-se que Joseph Méry
Sonhava; e quando minha pobre mãe
Me sentava sobre a branca pedra
Que do riacho guardava a borda,
Ela também dizia: Sonha ainda,
Meu filho. Mais tarde, no colégio,
Por ódio ou por desprezo, que sei eu!
Todos os meus amigos fugiam para longe,
E me deixavam só, num canto.
Sonhar. E quando a louca embriaguez
Dos prazeres perturbava a minha juventude,
A multidão me mostrava ao dedo
Dizendo: É Méry que deve
Ainda dormir. E quando, mais sábio,
Quase a meio caminho da viagem,
Fui julgado como escritor,
Dizia-se de mim: É em vão
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que vem ao seu chamado. Méry,
O que quer que faça, será Méry.
E quando a última prece
Tiver abençoado a minha fria poeira,
Atento sob meu lençol,
Não ouvi senão uma palavra, uma só;
Sonhador! Pois bem! sim, sobre a Terra
Sonhei; por que, pois, calá-lo?
Um sonho que não se acabou,
E que recomecei aqui.

J. MÉRY.

* * *

POESIAS ESPÍRITAS - 2
(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

A PRECE DA MORTE PARA OS MORTOS.

Os séculos rolaram no abismo dos tempos
 Sem piedade, flores e frutos, frios invernos, doces primaveras,
 E a morte passou sem bater à porta
 Que escondia o tesouro que em segredo ela guarda;
 A vida! Ó morte! a mão que dirige tua mão
 Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã
 Suspender um pouco seus golpes? Tua fome mal saciada
 Quer ainda perturbar o banquete da vida?
 Mas, se vens sem cessar, a qualquer hora do dia
 Procurar entre nós os mortos para povoar tua morada,
 O universo é muito pouco para os teus profundos abismos,
 Onde teu sorvedouro é sem fundo para tuas pobres vítimas.
 Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar,
 E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
 Sem permitir à sua frente cingir a coroa
 De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
 Ó morte! não ouves os gritos da pobre criança,
 E vens sem piedade feri-la ao nascer,
 Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
 Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
 Ó morte! não ouves os votos desse velho
 Implorando o favor, na hora da partida,
 E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,
 Para dormir mais rápido e morrer mais tranqüilo.
 Mas, cruel! digo eu, em que se tornam os mortos
 Que deixam nossa margem e se vão para as tuas bordas?
 Sofrerão sempre as dores da Terra
 Nessa eternidade dos tempos, e a prece
 Não poderia ao menos adoçá-las um dia?
 E a morte respondeu: Nessa sombria morada
 Onde, livre, fixei meu tenebroso império,
 A prece é poderosa e é Deus quem a inspira
 A meus súditos, a mim. Quando retorno, à tarde,
 Sobre meu trono sangrento pomposamente me assento,
 Olho os céus e sou a primeira
 A recitar muito baixo para os meus mortos a prece.
 Escuta, filho, escuta: "Ó Deus, Deus todo-poderoso,
 Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando
 Um olhar de piedade. Que um raio de esperança
 Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento.
 Faze ver, ó meu Deus! a terra do perdão,
 Esse rio sem margem, essa praia sem nome,
 A terra dos eleitos, a eterna pátria
 Onde crias para todos uma eterna vida;
 Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
 Se incline com respeito, diante da majestade
 De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;

Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
Da morada dos vivos, se me haveis punido
Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
E meus olhos não poderão jamais bastante chorar
Para lavar do passado a inapagável mancha
Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.
Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz
Sem maldizer um único dia as vossas eqüitativas leis,
E quando julgardes minha prova acabada,
Senhor, se retornardes à minha sombra pálida
Os bens que perdeu em seu cativeiro,
A brisa, o sol, o ar puro, a liberdade,
O repouso e a paz, diante de vós eu me obrigo
A pedir ao meu turno, sobre minha nova margem,
Para meus irmãos curvados sob o penoso peso dos ferros
Que os retêm cravados no fundo de seus infernos;
Por suas sombras em prantos, às bordas da outra margem,
Mudas, olhando a minha fugitiva
Fugir em lhes dizendo: Coragem, meus amigos,
Realizarei nos céus o que aqui prometi."

CASIMIR DELAVIGNE.

* * *

POESIAS ESPÍRITAS - 3
(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866. - Médium Sr. V...)

A PRECE PARA OS ESPÍRITOS.

Estou verdadeiramente tocado por te ver, caro filho,
 Às minhas ordens submetido, orar em me evocando,
 E reprovar altivamente a lógica enganosa
 E os vãos argumentos de uma seita orgulhosa,
 Que pretende que o Espírito cumpra um dever
 Vindo ao teu impulso, muito feliz de poder,
 Sofrendo tua lei, fugir e deixar mais depressa
 A morada aborrecida do mundo que habita,
 Para voar, enfim, para essas margens sem bordas,
 Que não entristecem mais a sombra e os lamentos dos mortos.
 Estão ali as grandes palavras e as frases pomposas.
 Mas se vêm revelar as belezas maravilhosas
 Dos mundos desconhecidos, abrir os horizontes
 Dos tempos, e te ensinar, em longas lições,
 O princípio e o fim de tua alma imortal,
 A grandeza de teu Deus, seu poder eterno,
 Sua justiça infinita e seu sublime amor,
 Nobre zombador, seja franco: Dirás tu que, em retorno,
 Se te pede um dia uma curta prece,
 Ele é muito exigente, quando, freqüentemente, sobre a Terra,
 Para ter ou pagar um medíocre favor,
 Se te vê, suplicante, pisar todo pudor,
 E mendigar por muito tempo, como um pobre mendigo,
 Suspirando, o pão que deve nutrir sua vida?
 Oh! creia-me, caro filho, infeliz,! três vezes infeliz!
 Àquele que sempre, esquecendo a dor
 E as lágrimas de sangue desse mundo invisível,
 Escutando nossas vozes fique ainda insensível,
 E não vem de joelhos
 Orar a seu Deus por nós.

CASIMIR DELAVIGNE.

* * *

POESIAS ESPÍRITAS - 4
(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866. - Médiun, Sr. V...)

PARA O TEU LIVRO.

Logo, criança, vais deixar
 Este humilde teto que te viu nascer,
 Para correr o mundo, afrontar
 Seus perigos, e morrer talvez
 Sem ter podido tocar ao porto.
 Como outrora, escuta ainda
 A voz que guia tua jovem idade.
 Ah! meu filho, sobre teu caminho,
 Muito freqüentemente, a sarça orgulhosa
 Rasgará a branca mão,
 E seu espinho venenoso
 Fará coxear teu pé contundido,
 Mais de uma vez, na pedreira.
 Não importa! Será preciso, longe daqui,
 Seguir a estrela que te ilumina,
 E caminhar sempre avante;
 Não lamentar a pátria,
 Tua aldeia, teu lar ausente,
 E morrer sem chorar tua vida,
 Se a devesse perder um dia,
 Pregando a todos por doutrina
 A fé, a caridade, o amor,
 Únicos deveres de tua lei divina;
 Arrancando por toda a parte o orgulho,
 O falso saber e o egoísmo
 Que se estendem, como um lençol,
 Sobre o berço do Espiritismo;
 Repetindo o que a voz
 De todos esses mundos invisíveis
 Parece te revelar às vezes
 Nos murmúrios indizíveis;
 Queixando-se de um século grosseiro,
 Que juntará o insulto à injúria
 Quando te chamar feiticeiro,
 Ou ledor de sorte;
 Perdoando-lhe seu desprezo;
 Tentando, pela prece,
 Alinhar seus numerosos amigos
 Sob tua humilde e santa bandeira.
 Eu disse: Parte, meu filho, adeus;
 Tua tarefa é pesada e difícil,
 Mas crê e espera em teu Deus,
 E tá tornará mais fácil.

UM ESPÍRITO POETA

POESIAS ESPÍRITAS - 5
(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasour)

LEMBRANÇA

Duas crianças, a irmã e o irmão,
 Entraram juntos na cabana
 Numa noite de verão. Já a noite,
 Em passo lento, avançava sem ruído,
 Atrás deles, branca e vaporosa
 Como uma sombra misteriosa.
 O pássaro dormia no fundo das florestas,
 E o vento norte deslizava sem voz;
 Tudo sonhava num doce mistério.
 A irmã disse, baixinho, ao seu irmão:
 Irmão, tenho medo; não ouves
 Um sino chorar lá embaixo?
 É o lúgubre e triste dobrar
 De um defunto. - Não tremas,
 Irmã, disse o irmão, é uma alma
 Que foge da Terra e que reclama
 Uma prece, para pagar
 Seu lugar no eterno lar.
 Vamos, irmã, orar na Igreja
 Sobre a laje empoeirada e sombria
 Onde se nos viu, um dia de luto,
 Ambos de trás de um longo caixão
 Onde dormia nossa pobre mãe.
 Vamos orar pelos mortos, irmã;
 Isto nos trará felicidade.
 Vamos, vamos! - E irmã e irmão,
 Uma lágrima sobre a pálpebra,
 Ambos se dando as mãos,
 Tomam o estreito e verde caminho
 Que leva à velha igreja.
 Uma segunda vez o vento norte
 Trouxe-lhes o triste adeus
 Do defunto procurando seu Deus,
 E o sino cessou o seu lamento;
 E mudos e trementes de medo
 Nossas duas crianças silenciosas
 Caminham olhando os céus.
 Chegadas ao limiar da igreja
 Viram uma mulher sentada
 À sombra da triste coluna
 Que mantinha a grande pia.
 Os pés nus, a face velada,
 Pálida, louca e descabelada,
 Ela exclamava: Ó meu Deus!
 Ó vós a quem se adora em todo lugar.
 Em todos os tempos, por toda a parte, na Terra
 Como no céu, uma pobre mãe

Tremente, aos pés de vosso altar,
 Diante de vossos desígnios eternos,
 Ousa apenas, em vossa presença,
 Se lamentar e narrar seu sofrimento.
 Senhor! Eu não tinha senão um filho,
 Um só; era róseo e branco
 Como um branco raio que colore
 Uma fresca manhã em sua aurora.
 O espelho de seus grandes olhos azuis
 Refletia o azul de vossos céus,
 E em sua boca um doce sorriso
 Parecia se colocar e me dizer:
 Não chores mais em teu lar;
 É que Deus vem de me enviar.
 Vê, a tempestade está dissipada, mãe;
 O céu está sem nuvem; espera!
 E eu esperei. Mas, pobre criança,
 Tu te enganavas em me enganando.
 Quando o vento sopra sobre a praia
 E destrói tudo em sua passagem,
 Não deixando senão alguns caniços
 Para chorar nas margens de suas águas...
 E quando a morte bate à porta
 De um lar, ela entra e leva
 Tudo! tudo!... Não deixando em seu limiar
 Senão um lençol negro para esconder seu luto.
 Eu sabia, no entanto, que um belo sonho,
 Se começa na manhã, termina
 Uma noite neste mundo; que a noite,
 Ciumenta do sol que brilha,
 E que faz empalidecer sua triste sombra
 Estende logo um véu sombrio
 Para obscurecer seus mil fogos
 E velá-lo a todos os olhos.
 Sim, eu o sabia; mas a mãe
 Ignora tudo; quando ela espera,
 A pobre mãe crê em tudo;
 Por um filho, na felicidade, sobretudo.
 Eu tinha sofrido toda a minha vida,
 Não podia sem loucura
 Esperar um dia de felicidade?
 E o foi de outro modo! Senhor,
 Que a vossa vontade seja feita!
 Só, neste humilde refúgio,
 Onde vi morrer um esposo,
 Onde, pálida e tremente, de joelhos,
 Recebo o adeus de um pai,
 Onde retirais à mãe
 Sua última esperança, seu filho.
 Diante de seu carrasco triunfante,
 A morte que contempla sua presa
 Com um sorriso de alegria,
 Senhor! peço à mão

Que fere todos os meus, amanhã
De não poupar a mãe
Pedindo seu filho à terra.
O sino, uma última vez,
A estas palavras, fez falar sua voz.
A alma da criança sobre a terra
Voltava para consolar a mãe
Em lhe dizendo: Eu estou nos céus!
Quando irmã e irmão, preocupados
Saíram da velha igreja,
A mulher estava ainda sentada

JEAN.

* * *